

EDITORA FIEL

Sumário

Agradecimentos.....	9
Prefácio	11
Capítulo 1 – De Pai para Filho	
<i>J. R. R. Tolkien falando sobre sexo</i>	15
Capítulo 2 – Uma Nova Maneira de Ver a Luxúria	
<i>Um ponto de vista secular</i>	23
Capítulo 3 – Outra Maneira de Ver a Luxúria	
<i>Um ponto de vista cristão.....</i>	29
Capítulo 4 – A Pornografia e a Integridade do Casamento Cristão	
<i>O desafio.....</i>	35
Capítulo 5 – A Pornografia e a Integridade do Casamento Cristão	
<i>O chamado.....</i>	41
Capítulo 6 – A Homossexualidade na Perspectiva Teológica	
<i>As raízes do movimento</i>	47

Capítulo 7 – A Homossexualidade na Perspectiva Teológica <i>A hermenêutica da legitimação</i>	53
Capítulo 8 – A Homossexualidade na Perspectiva Teológica <i>Uma cosmovisão bíblica</i>	61
Capítulo 9 – A Homossexualidade na Perspectiva Teológica <i>Respondendo ao desafio</i>	69
Capítulo 10 – O Fim da Amizade <i>Como a confusão sexual corrompeu a amizade entre homens</i>	75
Capítulo 11 – Depois do Baile <i>Por que o movimento homossexual tem vencido</i>	83
Capítulo 12 – Alfred Kinsey <i>O homem como ele realmente era</i>	89
Capítulo 13 – Lamentando a Cultura Gay <i>O enigma de Andrew Sullivan</i>	97
Capítulo 14 – Lésbicas Criando Filhos <i>Você já teve problema com isso?</i>	105
Capítulo 15 – A Era da Perversidade Polimorfa <i>Uma revolução fomentada por idéias</i>	111
Capítulo 16 – A Era da Perversidade Polimorfa <i>Sete estratégias para a revolução</i>	117
Capítulo 17 – A Era da Perversidade Polimorfa <i>A civilização sobreviverá?</i>	127

Agradecimentos

Em um sentido muito real, nenhum autor trabalha sozinho. Sou profundamente devedor aos muitos amigos e colegas que me ajudaram nesta tarefa complexa. Agradeço especialmente ao Deão Russel Moore e ao professor Ken Magnuson, ambos do *Southern Baptist Theological Seminary*. Em vários assuntos, eles e outros me ajudaram a aprimorar minhas idéias.

Como sempre, sou muito agradecido a Greg Gilbert, diretor de pesquisa de meu escritório, que prestou assistência inestimável em preparar este projeto para publicação.

Finalmente, quero expressar gratidão à minha esposa, Mary, e a nossos filhos, Katie e Christopher. Eles me têm sustentado em cada mudança e ensinado muito sobre a vida e o amor.

Prefácio

Hoje, a sexualidade é um fator importante na vida pública dos Estados Unidos e da maior parte do mundo. De algum modo, isso não é algo novo. Afinal de contas, a sexualidade é um dos principais aspectos da existência humana – uma dinâmica complexa, inevitável e potencialmente perigosa de nossa vida. Contudo, a sexualidade é agora um assunto *público* – a prioridade e o centro de alguns dos maiores e mais disputados debates desta época.

Sexo e sexualidade norteiam muito das propagandas, entretenimentos e temas culturais que o povo usa em sua conversa regular. A revolução sexual dos anos 1960 foi, em retrospectiva, somente um sinal do que estava por vir. Nestes primeiros anos do século XXI, assuntos sobre sexualidade são aparentemente inevitáveis. Alunos do ensino fundamental estão sendo apresentados a currículos sobre “diversidade familiar”, e os principais jornais noticiam o fenômeno da promiscuidade sexual em asilos para idosos. Parece não haver nenhuma parte de nossa cultura que não esteja lidando, de uma maneira ou de outra, com a sexualidade – envolvendo, freqüentemente, significativa controvérsia.

Os cristãos têm um papel e um dever especial em meio a esta confusão. Em primeiro lugar, eles sabem que o sexo tanto é *mais* como *menos* importante do que a cultura de sexualidade liberal pode entender. Diferente dos evolucionistas naturalistas, os cristãos acreditam que as realidades de gênero e sexualidade são dons intencionais do Criador, que os deu aos seres humanos como bênção e responsabilidade. Diferente dos relativistas pós-modernos, os cristãos não podem aceitar a afirmação de que os padrões sexuais são meras construções sociais. Cremos que somente o Criador tem o direito de revelar sua intenção e ordens concernentes à nossa administração desses dons. Diferente dos gênios e gurus de marketing e publicidade, não cremos que a sexualidade deve ser usada como um ardil para atrair a atenção e criar demanda no consumidor. Diferente dos complacentes produtores de entretenimento sexualizado, não cremos que o sexo consiste primariamente em diversão e prazer. Diferente dos revolucionários sexuais das décadas recentes, não cremos que a sexualidade é o meio de libertar o ego da opressão cultural.

Em outras palavras, cremos que o sexo é *menos* importante do que muitos desejam que creiamos. A existência humana não se centraliza, primeira e principalmente, no prazer sexual e na demonstração de sexualidade. Há muito mais para a vida humana, realização e alegria. O sexo não pode cumprir as promessas feitas por nossa sociedade hipersexualizada.

Por outro lado, o sexo é *mais* importante do que a sociedade secular pode imaginar. Afinal de contas, a cosmovisão cristã revela que, em última análise, sexo, gênero e sexualidade fazem parte do propósito da criatura para glorificar o Criador. Esta relação transforma toda a questão e deixa a criatura a perguntar: como posso celebrar e vivenciar a administração de

minha sexualidade e o exercício deste dom de maneira que o Criador seja mais glorificado? É desnecessário dizer que essa não é a pergunta que está motivando a confusão em nossa cultura saturada de sexo.

Este livro é uma tentativa de considerar, com base na perspectiva do cristianismo bíblico, vários assuntos controversos e problemáticos sobre a sexualidade. Todos nós temos uma parte nisso, e os cristãos são responsáveis por um testemunho especial quanto ao significado do sexo e da sexualidade.

E tudo isso, conforme sabemos, não se refere apenas ao que *pensamos* sobre esses assuntos, mas também à maneira como temos de viver.

CAPÍTULO 10

O Fim da Amizade

*Como a confusão sexual corrompeu
a amizade entre homens*

Um filme de Hollywood se tornou um ponto de destaque na cultura americana em 2005. Embora não tenha sido exatamente um campeão de bilheteria, *O Segredo de Brokeback Mountain*, estrelando Heath Ledger e Jake Gyllenhaal como dois cowboys ligados por um romance homossexual, foi aclamado pela crítica e promovido exaustivamente pelos meios de comunicação. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas o premiou com três Oscars®, em 2006, incluindo Melhor Direção e Melhor Roteiro Adaptado.

Dirigido por Ang Lee, *O segredo de Brokeback Mountain* baseia-se em uma pequena história que tem o mesmo título, escrita por Annie Proulx. A história é bem vívida, retratando um romance homossexual inesperado entre dois cowboys que se viram sozinhos numa barraca. À medida que a história se desenvolve, o relacionamento homossexual continua até que os dois homens se casam e cada um estabelece sua família. Tanto a história como o filme incluem sexo explícito e retratam a dor e a turbulência sentidas pelas famílias dos dois homens, enquanto eles experimentam, periodicamente, o que é descrito como “viagens para pescar nas quais não há pescaria”. Apesar disso, o filme apresenta o romance

homossexual como um relacionamento a ser admirado – insinuando que, se nossa sociedade se livrasse de suas inibições quanto à homossexualidade, esses homens poderiam ter prosseguido o seu relacionamento, vivendo sempre juntos e felizes.

Em um sentido, o verdadeiro significado de *O segredo de Brokeback Mountain* não tinha qualquer interesse especial para a cinematografia. Em vez disso, estava plenamente relacionado à nossa cultura e ao colapso da ordem sexual. *O segredo de Brokeback Mountain* representa algo novo nas principais tendências culturais – uma celebração do romance homossexual na tela gigante. O próprio fato de que esse filme estrela dois atores relativamente jovens, bem conhecidos, e de que atraiu a atenção lisonjeira dos críticos de Hollywood indica que algo bastante sério está em progresso. Realmente não é importante que todos tenham visto o filme. Agora que essa barreira cultural foi derubada, exhibições de relacionamentos e romances semelhantes deverão, com certeza, infiltrar-se no entretenimento popular – e rapidamente.

Anthony Esolen, professor de Inglês, no Providence College, em Providence, Rhode Island, adverte que esse colapso da ordem natural do sexo tem levado à morte da amizade – particularmente, à morte da amizade entre homens.

No artigo *A Requiem for Friendship: Why Boys Will Not Be Boys and Other Consequences of the Sexual Revolution* [Um réquiem em favor da amizade: por que os rapazes não são rapazes e outras conseqüências da revolução sexual], publicado na revista *Touchstone*,¹⁸ edição de setembro de 2005, Esolen começa

18 Anthony Esolen, “A Requiem for Friendship: Why Boys Will Not Be Boys and Other Consequences of the Sexual Revolution,” *Touchstone* (September 2005). Usado com permissão.

lembrando aos leitores uma cena de *O Senhor dos Anéis*, a grandiosa obra de J. R. R. Tolkien. Sam Gamgee, depois de seguir o seu senhor Frodo até Mordor, o reino das trevas, acha-o meio inconsciente em uma pequena cela imunda. “Frodo!

Sr. Frodo, meu amado!” exclama Sam. “Sou eu, Sam, cheguei!” Frodo abraça seu amigo, e Sam embala ao peito a cabeça de Frodo. Como sugere Esolen, um leitor ou um espectador desta cena talvez se precipitará numa conclusão perversa: “O que é isso? Eles são gays?”

Esolen também sugere que essas perguntas são uma “reação ignorante e inevitável” ao contexto. Ele prossegue e lembra que Shakespeare e muitos outros grandes autores falaram do amor não sexual entre homens usando termos fortes. De modo semelhante, quando Davi foi informado sobre a morte de Jônatas, ele clamou: “Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres” (2Sm 1.26).

Conforme Esolen entende, a corrupção da linguagem contribui para a confusão. Quando palavras como *amor*, *amigo*, *macho*, *fêmea* e *companheiro* são transformadas em um novo contexto sexual, aquilo que era entendido como puro e imaculado está agora sujeito a escárnio e desrespeito. Esolen insiste que essa mudança lingüística não foi acidental. Ele acusa os “pansexualistas” de corromperem a linguagem, a fim de tornarem normal a confusão e a anarquia sexual. Eles têm usado a linguagem “como uma ferramenta para estabelecerem sua própria ordem e imporem-na aos demais”, Esolen argumenta. “Os pansexualistas – aqueles que crêem na liberação do dogma de que, se dois adultos consentem em fazer o que desejarem com sua vida particular, isso não é problema de ninguém – entendem que a linguagem tinha de ser mudada para auxiliar na realização de seu

sonho e que essa realização mudaria o mundo, porque mudaria a linguagem para todos”.

Qual a relação de tudo isso com *O segredo de Brokeback Mountain*? “A homossexualidade aberta, celebrada de maneira ousada e desafiante, muda a linguagem para todos”, insiste Esolen. “Se um homem coloca seu braço ao redor da cintura de outro homem, isso é agora um sinal – quer ele esteja na direita ou na esquerda política, quer ele creia ou não nas prescrições bíblicas sobre a homossexualidade.” Esolen oferece uma avaliação franca e inesquecível: “Se um homem embala a cabeça de seu amigo entristecido, a sombra de suspeita surge na mente do espectador”.

Uma das palavras e realidades mais evidentemente corrompidas por causa da anarquia sexual é *amizade* – em especial, a amizade masculina. “Para os homens modernos, a amizade não é mais forjada no ardor da batalha, ou na poeira das planícies, enquanto eles guiam seus rebanhos através do país, ou no ar sufocante de uma mina de carvão, ou mesmo na fumaça de cigarros em um clube de debates”, observa Esolen. A maioria dos homens não se vê mais em situações que encorajam e inculcam a amizade masculina. Como Esolen observa: “A revolução sexual também quase matou a amizade masculina devotada a qualquer outra coisa além de bebidas alcoólicas e a assistir esportes; e o movimento homossexual, um resultado inevitável de quarenta anos de promiscuidade heterossexual e tolice feminista, parece que a matará definitivamente e fechará o seu caixão”.

O que isso significa para os homens é bastante ruim, mas Esolen é convincente quando argumenta que as vítimas mais vulneráveis da morte da amizade são os rapazes. “A proeminência da homossexualidade masculina muda a linguagem para os rapazes adolescentes. É cruel e absurdo dizer que o rapaz pode ignorá-la. Ainda que pudesse, seus colegas não o

deixariam. Todos os rapazes precisam provar que não são fracassos. Precisam provar que estão se tornando homens – que não reincidirão na necessidade de serem protegidos por e, conseqüentemente, identificados com sua mãe”. Esolen argumenta que os rapazes, destituídos do reconhecimento normal da masculinidade e de amizades seguras com outros rapazes e homens, recorrem freqüentemente à promiscuidade sexual agressiva com moças, a fim de provarem que não são homossexuais. Os rapazes que se recusam a participar desse jogo são tachados de homossexuais.

Esolen se posiciona a favor de algo muito importante. Ele nos recorda que todos os rapazes necessitam da camaradagem descomplicada de outros rapazes, a fim de galgarem seu próprio caminho rumo à masculinidade. A amizade compartilhada entre os meninos e os rapazes permite-lhes unir-se ao redor de interesses e atividades comuns e canalizarem sua curiosidade e energia naturais à participação de atividades compartilhadas. Quando os rapazes se reúnem, Esolen reconhece, eles “podem fazer, de modo fascinante, milhares de coisas criativas e perigosamente destrutivas”. É nesta altura que os adultos devem se introduzir, para guiar essas energias em direções positivas e estabelecer limites que impedem e desestimulam o comportamento errado. Em qualquer caso, esses rapazes não parariam de crescer, como Esolen argumenta que ocorre hoje. “Eles continuariam vivos”, ele afirma.

Tudo isso exige uma expectativa heterossexual descomplicada. Esolen ressalta o fato de que Abraham Lincoln, como rapaz, tinha de compartilhar, freqüentemente, sua cama com seu amigo Joshua Speed. Os dois trocavam cartas que falavam sobre sua apreciação e amor um pelo outro. Os leitores modernos têm se precipitado na conclusão de que Lincoln era um homossexu-

al. Esolen argumenta corretamente que esta “evidência” prova o oposto. Lincoln e Speed tinham liberdade para compartilhar a mesma cama e falar de sua amizade profunda, porque não temiam qualquer revelação desse fato ou de seu relacionamento ao público. Por quê? Porque o entendimento quase universal de todo o comportamento homossexual como imoral e pervertido criava um contexto em que *ninguém* teria a expectativa de que Lincoln estava envolvido em homossexualidade. Como Esolen explica: “O estigma contra a sodomia criava um ambiente amplo para uma amizade emocionalmente poderosa que não se envolvia em intercurso sexual, assim como o estigma contra o incesto cria o ambiente para a liberdade emocional e física de uma família”.

Em uma sessão verdadeiramente inesquecível de seu artigo, Esolen nos pede que imaginemos uma sociedade em que o tabu contra o incesto foi removido. Nessas circunstâncias, nenhum tio se sentiria à vontade para abraçar sua sobrinha jovem sem a acusação de interesse sexual. Os relacionamentos entre pais e filhos, irmãos e irmãs e parentes de todos os graus seriam corrompidos e arruinados pela imposição da suspeita sexual.

Conforme Esolen compreende, isso é o que acontece quando a homossexualidade é normalizada na cultura. Amizades normais e fraternas entre homens estão agora sob suspeita. Isso é especialmente verdadeiro no caso dos rapazes e homens novos, que são menos seguros a respeito de sua masculinidade e mais preocupados com a sua própria identidade sexual – ou com a identidade sexual de seus colegas.

A normalização da homossexualidade destrói a ordem natural da amizade entre homens. “Pense sobre essa amizade, na próxima vez que você ver os eternos adolescentes com boas de plumas e penas marchando pela avenida principal [da cidade],

tornando conhecidas as suas inclinações a todos, quer estes se interessem, quer não”, Esolen instrui. “Com todos os slogans repetidos continuamente e os sinais estridentes, eles excluem as palavras de amizade e apropriam-se de gestos saudáveis de amor entre homens e homens. Confesse: isso não o deixa intranquilo até para ler as palavras da última sentença?”

Evidentemente, somos informados de que aqueles que mantêm essas preocupações estão apenas evidenciando sua homofobia inata e suas inibições sexuais reprimidas. Os críticos celebrarão *O segredo de Brokeback Mountain*, e podemos esperar um dilúvio de temas, histórias e produções semelhantes. A sociedade está amplamente corrompida pela normalização da homossexualidade, e os laços de amizades masculinas normais estão enfraquecidos, se não destruídos. Lembre tudo isso, enquanto Hollywood celebra a sua última “realização” cultural.